

Valores humanos e condutas desviantes: sua acurácia correlacional em jovens brasileiros

Human values and deviant conducts: their correlational accuracy in young brazilians

Nilton Soares Formiga¹

RESUMO

O objetivo desse trabalho consiste em avaliar a relação entre os valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas em diferentes amostras. O expressivo aumento das condutas desviantes entre os jovens tem chamado atenção de especialistas e suas diversas perspectivas teóricas para explicar esse fato. Neste contexto, os valores humanos têm sido um construto que vem contribuindo para a predição desse fenômeno. 1361 jovens do sexo masculino e feminino e com idades entre 14 e 20 anos foram distribuídos em três amostras. Responderam a Escala de Condutas Anti-Sociais e Delitivas, Questionário dos Valores Básicos e questões sócio-demográficas. Os resultados revelaram, nas três amostras, que os valores que visam o individualismo é capaz de fomentar uma maior intensidade das condutas desviantes, já valores que buscam a manutenção da tradição e as normas sociais apresentando uma dimensão coletivista poderão inibir essas condutas.

Palavras-Chave: Condutas anti-sociais e delitivas. Valores humanos. Adolescentes.

ABSTRACT

The increase in deviant behaviors among young people has drawn attention of specialists in the development of theories that explain this problem in Brazil. In this context, human values have contributed to the prediction of this phenomenon, mainly, because this construct is able to explain the behavior of people, from the orientation, choices, and human attitudes. This work aims to assess the relationship between human values and anti-social and criminal conducts in different samples. Three samples with young people between 14 and 20 years old, men and women, participated in the study. They answered the Scale of Anti-social and criminal conducts, Questionnaire of Basic Values and socio-demographic issues. In the three samples, young people who prioritize personal values (individual) related, positively, with deviant behaviors; which who prioritizes the social values (maintenance of tradition and social norms were collectives) related, negatively, with the same conducts.

Key Words: Anti-social and criminal conducts; Human values; Young people.

¹ Doutorando na Universidade Federal da Paraíba, na Pós-Graduação em psicologia social; é professor de psicologia social na Universidade Estadual de Psicologia (Uepb) no curso de Psicologia. nsformiga@yahoo.com

1 INTRODUÇÃO

O problema da violência entre os jovens não é algo novo e muito menos as explicações a ela atribuída às quais podem ir da estrutura e traços de personalidade até a funcionalidade e dinâmica familiar, das condições sócio-demográficas a organização cultural. Com isso, a atenção dispensada às explicações a respeito do comportamento violento entre jovens vem atualmente, por parte dos especialistas das diversas áreas científicas, compreender porque e como os fatos cotidianos violentos têm ocorrido com tanta insistência nos últimos anos e qual a sua origem.

Considerando que o construto da violência, além de complexo é multifacetado (SANMARTÍN, 2006; TAYLOR, 2004) as discussões aqui enfatizadas referem-se às condutas desviantes, as quais estão inclusas nesse construto; isto é, diz respeito àquelas condutas que tangenciam as normas sociais e humanas, e que de forma geral, dizem respeito ao comportamento transgressor (FORMIGA; GOUVEIA, 2003). Este é um fenômeno que não tem autor e rótulo específico, mas condutas de risco bastante evidentes as quais podem se apresentar da seguinte forma: conduta anti-social e delitiva (FORMIGA; GOUVEIA, 2003)

Segundo Formiga e Gouveia (2003) uma conduta anti-social refere-se à não conscientização das normas que devem ser respeitadas – desde a norma de limpeza das ruas, ao respeito com os colegas no que se refere a certas brincadeiras – e não praticadas por alguns jovens. Neste sentido, este tipo de conduta caracteriza-se pelo fato de incomodarem, mas sem que causem necessariamente danos físicos a outras pessoas; elas dizem respeito apenas às travessuras dos jovens ou simplesmente à busca de romper com algumas leis sociais.

Em relação à conduta delitiva, esses autores, concebem-na como merecedora de punição jurídica, capaz de causar danos graves, morais e/ou físicos. Portanto, tais condutas podem ser consideradas mais severas que as anteriores, representando uma ameaça eminente à ordem social vigente. O que essas condutas têm em comum é que ambas interferem nos direitos e deveres das pessoas, ameaçando o seu bem-estar, bem como diferenciando-as em função da gravidade das conseqüências oriundas (FORMIGA; GOUVEIA, 2003; ESPINOSA, 2000; MOLINA; GÓMEZ, 1997). Possivelmente todo jovem pratica ou já praticou algum tipo de conduta anti-social, o que faz parte do repertório deles, salientando como um

desafio dos padrões tradicionais da sociedade, pondo em evidência as normas da geração dos seus pais.

Apesar do fenômeno da conduta anti-social e delitiva ser explorado, insistentemente, na mídia em geral, ainda é pouco salientado quais são os seus antecedentes. Partindo dessa reflexão, parece ser adequado, ao se pretender explicar as condutas que permeiam a delinqüência, considerar os fatores psicossociais, pois estes podem atuar como explicação da manifestação dessas condutas. De fato, existem inúmeras variáveis que são capazes de compreender este fenômeno, porém, o que se pretende no presente estudo é assimilar a realidade a partir de um prisma explicativo sobre esse fenômeno, oferecendo assim, mais uma solução ao quebra-cabeça teórico sobre esse tema tão discutido entre teóricos que enfatizam a estrutura ou traços de personalidade, a genética, as relações parentais, ambiente urbano, etc. (PETRAITIS; FLAY; MILLER, 1995; STOFF; BREILING; MASER, 1997).

Partindo dessa perspectiva, o que se pretende enfatizar sobre essas condutas é a falta de compromisso com os padrões convencionais estabelecidos na sociedade, os quais parecem inibi-las. Porém, mesmo com inúmeras variáveis individuais e psicossociais capazes de promover programas de intervenções, ainda é destacável o papel dos valores humanos. O fato é que estudos que abordam o construto dos valores humanos vêm observando que uma adesão a valores mais pessoais ou individualistas é capaz de promover o uso de drogas, a amizade com jovens com condutas delinqüentes e as dificuldades na aprendizagem, enquanto que a adesão a valores sociais ou coletivistas inibiria tais fatores de risco (COELHO JÚNIOR, 2001; ROMERO et al., 2001; TAMAYO et al., 1995).

Os valores humanos têm sido um dos construtos teóricos que vem apresentando grandes respostas quanto aos problemas das condutas sociais, principalmente, porque este construto é capaz de explicar os comportamentos das pessoas, a partir da orientação, escolhas e atitudes humanas (ROKEACH, 1973; ROKEACH, 1979). Tal reflexão se sustenta porque quando se fala que uma pessoa tem valores, salienta-se uma crença duradoura, uma maneira de se comportar ou um estado final de existência da mesma, podendo ser preferidos, no âmbito pessoal e social (GUSMÃO et al., 2001).

Para tanto, para compreender a importância dos valores sobre tal fenômeno deve-se considerar que eles são estruturados no sistema psicológico, dando coerência à ação humana. Metaforicamente, podem ser tratados como um termômetro social capaz de indicar o estado febril da sociedade, evitando assim certas convulsões, sendo que tais valores são derivados das experiências culturais e sociais, pois alguns vão sendo incorporados ao longo da socialização, enquanto outros são adquiridos sob condições específicas, principalmente através de episódios ou experiências relevantes na vida da pessoa (FORMIGA; QUEIROGA; GOUVEIA, 2001; ROKEACH, 1973).

Mas a preocupação relacionada aos valores humanos não diz respeito apenas às contradições da clareza do conceito, conotações morais e existenciais nas quais se fundamentam (GOUVEIA, 1998; TAMAYO; SCHWARTZ, 1993) ou à sua medida (FEATHER, 1992; MARTINEZ, 1984), mas, sobretudo, à necessidade de explicação da dinâmica dos fenômenos comportamentais (HOMER; KAHLE, 1998). Assim, prima-se pela diferenciação entre o que é importante e secundário para o indivíduo, pois os valores revelam tanto a relação com o comportamento e as opções de vida dos indivíduos quanto a sua preferência no que diz respeito ao que tem ou não valor (TAMAYO, 1988). Vale destacar que esse construto expressa o que a pessoa deveria querer, ou seja, tem um forte componente de desejabilidade social.

Desta maneira, partindo desse pressuposto, os valores podem ser definidos como categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, sendo adotadas por atores sociais. Tais valores apresentam diferentes magnitudes e seus elementos constitutivos podem variar conforme o contexto social ou cultural em que a pessoa está inserida (GOUVEIA, 1998). Sendo assim, servem de categorias transcendentais que guiam as atitudes, as crenças e os comportamentos em situações específicas. Estes valores humanos podem apresentar três critérios de orientação, sendo cada um subdividido em seis funções psicossociais, como segue:

Valores Pessoais. As pessoas que normalmente assumem estes valores mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens / lucros. A pessoa prioriza seus próprios interesses e concedem benefícios sem ter em conta uma referência particular (papel ou estado). Para Rokeach (1973) estes

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 409-425, jan/jun. 2010

valores são vistos como tendo um foco intrapessoal. Em Schwartz (1994) tais valores atendem a interesses individuais. Considerando a sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) Valores de Experimentação: descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais destes valores (emoção, estimulação, prazer sexual); e (2) Valores de Realização: além da experimentação de novos estímulos, faz parte do universo desejável dos seres o auto-cumprimento, o sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios (autodireção, êxito, poder, prestígio e privacidade).

Valores Centrais. A expressão “valores centrais” é usada para indicar o caráter central ou adjacente destes valores; eles figuram entre e são compatíveis com os valores *pessoais* e *sociais*, estes tratados a seguir. Em termos da tipologia de Schwartz (1990, 1994), tais valores servem a interesses mistos (individuais e coletivos). Considerando a sua função psicossocial, os valores centrais podem ser divididos em dois grupos de valores: (1) Valores de Existência: interessa garantir a própria existência orgânica (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde). A ênfase não está na individualidade pessoal, mas na existência do indivíduo. Assim, valores de existência não são incompatíveis com valores *pessoais* e *sociais*, eles são importantes para pessoas, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social; e (2) Valores Supra-pessoais. Pessoas que assumem estes valores tentam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social. Tais valores descrevem alguém que é maduro, com preocupações menos materiais, não sendo limitados a características descritivas ou específicas para iniciar uma relação ou promover benefícios (beleza, justiça social, maturidade e sabedoria). Estes valores enfatizam a importância de todas as pessoas, não exclusivamente dos indivíduos que compõem o in-group, portanto, são compatíveis com valores *pessoais* e *sociais*. Embora Rokeach (1979) use a expressão valores supra-individuais, ele não se refere ao mesmo conteúdo aqui abordado. Espera-se que os tipos motivacionais segurança e universalismo, propostos por Schwartz (1992), correlacionem-se com as funções psicossociais existência e supra-pessoal, respectivamente.

Valores Sociais. As pessoas que assumem estes valores estão direcionadas para estarem com os outros. No estudo de Rokeach (1973), correspondem a valores

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 409-425, jan/jun. 2010

de foco interpersonal, e em Schwartz (1994) estão incluídos entre os valores relacionados com os interesses coletivos. Tais valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado; que deseja ser aceito e integrado no *in-group*, ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico. Considerando sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) Valores Normativos: enfatizam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos, a *ordem* é apreciada mais que tudo (obediência, ordem social, religiosidade e tradição); e (2) Valores de Interação: estes focalizam o destino comum e a complacência, especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa (afetividade, apoio social, convivência e honestidade).

Partindo dessa perspectiva teórica, bem como da existência de estudos no Brasil que abordam o construto dos valores humanos (ALBUQUERQUE et al. 2006; COELHO JÚNIOR, 2001; FORMIGA; GOUVEIA, 2005; GOUVEIA, 2003; GOUVEIA et al. 2001), o objetivo do presente estudo, do tipo correlacional, trata de avaliar em diferentes amostras a relação entre valores humanos e condutas desviantes. Isso se deve às seguintes condições: 1 - Formiga e Gouveia (2005) observaram, considerando as mesmas variáveis, em um estudo pioneiro no Brasil, que os jovens que aderiram aos valores pessoais apresentaram mais indícios de condutas anti-sociais e delitivas, enquanto aqueles que deram importância aos valores sociais estiveram como os menos prováveis em relatar ambas as condutas; 2 - a partir desse estudo desenvolvido por esses autores e por ter sido realizado, aproximadamente, há quatro anos, tem-se a intenção de avaliar a acurácia no presente estudo visando uma garantia, temporal e geo-política, da manutenção correlacional entre essas variáveis.

2 MÉTODO

2.1. Amostra

Três amostras compuseram este estudo: a primeira (N1) 340 jovens; a segunda (N2) 456 jovens e a terceira (N3) 565 jovens, distribuídos igualmente no nível escolar fundamental e nível médio, da rede privada e pública de educação da cidade de João Pessoa – PB. Os respondentes foram de ambos os sexos, predominando ligeiramente a participação de mulheres nas três amostras (aproximadamente, acima de 50%). Nessas amostras os sujeitos apresentaram idades entre 15 e 21 anos, sendo a maioria solteira (94%) e 87% correspondia entre classe social média e alta. Essa amostra foi intencional, pois tinha como propósito a garantia e a validade externa dos resultados da pesquisa.

A decisão em escolher estes participantes se deveu, tanto ao fato da ampla literatura considerar característico, durante essa fase – pré-adolescência e adolescência –, a manifestação de condutas anti-sociais e delitivas, ainda que em magnitudes variadas, dependendo, por exemplo, de algumas características ou atributos pessoais apresentados pelos jovens, quanto, ao critério de que em estudos anteriores com essas variáveis, contemplou uma amostra com esse perfil.

2.2 Instrumentos

Os participantes das três amostras responderam um questionário composto das seguintes medidas:

Escala de Condutas Anti-sociais e Delitivas. Este instrumento, proposto por Seisdedos (1988) e validado por Formiga e Gouveia (2003) para o contexto brasileiro, consiste em uma medida comportamental em relação às Condutas Anti-Sociais e Delitivas. Tal medida é composta por quarenta elementos, distribuídos em dois fatores, que caracterizam as condutas anti-sociais (seus elementos não expressam delitos, mas comportamentos que desafiam a ordem social e infringem normas sociais, por exemplo: jogar lixo no chão mesmo quando há perto um cesto de lixo; tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo); e condutas delitivas (estas incorporam comportamentos delitivos que estão fora da lei, caracterizando uma infração ou uma conduta faltosa e prejudicial a alguém ou mesmo à sociedade como um todo, por exemplo: roubar objetos dos carros; conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas). Para cada elemento, os participantes deveriam

indicar o quanto apresentavam o comportamento assinalado no seu dia a dia. Para isso, utilizavam uma escala de resposta com dez pontos, tendo os seguintes extremos: **0** = Nunca e **9** = Sempre.

A escala revelou indicadores psicométricos consistentes identificando os fatores destacados acima; para a Conduta Anti-social foi encontrado alpha de cronbach de 0,86 e para a Conduta Delitiva ou Delinqüente, 0,92. Considerando a Análise Fatorial Confirmatória, realizada com o Lisrel 8.0, comprovou-se essas dimensões previamente encontradas ($\chi^2/gf = 1,35$; $AGFI = 0,89$; $PHI (\phi) = 0,79$, $p > 0,05$) na análise dos principais componentes (ver FORMIGA; GOUVEIA, 2003).

Questionário dos Valores Básicos – QVB. Uma versão inicial foi proposta em espanhol e português, compreendendo então 66 itens, três para cada um dos valores básicos que avaliava (GOUVEIA, 1998). Utilizou-se aqui uma versão modificada, cuja comprovação dos parâmetros psicométricos já foi aferida na população brasileira (MAIA, 2000). Está formada por 24 itens-valores, com dois exemplos que ajudam a entender o seu conteúdo (por exemplo, Tradição – seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade; Êxito – obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz; Justiça Social – lutar por menor diferença entre pobres e ricos; permitir que cada indivíduo seja tratado como alguém valioso). Para respondê-los, a pessoa deve avaliar o seu grau de importância como um princípio-guia na sua vida, utilizando uma escala de sete pontos, com os seguintes extremos: **1** = Nada Importante e **7** = Muito Importante; ao final precisa indicar o valor menos e o mais importante de todos, os quais receberão as pontuações **0** e **8**, respectivamente.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíram para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, estado civil, classe social).

2.3 Procedimento

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria das instituições de ensino, falando diretamente com os

diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis por cada disciplina, para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Uma vez que, com tal autorização, foi exposto sumariamente o objetivo da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula. Sua tarefa consistiu em apresentar os instrumentos, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto. Para a análise dos dados, utilizou-se a versão 15.0 do pacote estatístico SPSS para Windows, e computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e efetuadas correlações de Pearson (r).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de conhecer a relação existente entre as condutas anti-social e delitiva e os valores humanos, efetuou-se uma correlação de Pearson (r). Considerou-se, como base dessa relação um estudo anterior desenvolvido por Formiga e Gouveia (2003), em que esses autores observaram que as funções psicossociais normativas, suprapessoais e interacionais se relacionaram negativamente com as condutas anti-sociais e delitivas; por outro lado, a função valorativa de experimentação se correlacionou, positivamente, com ambas as condutas. Já o critério valorativo pessoal relacionou-se, positivamente, com as condutas anti-sociais e delitivas; e o critério social, negativamente, com as condutas anti-sociais e delitivas. Partindo desses resultados, espera-se que eles possam ser encontrados na mesma direção.

Assim considerado, realizou-se, também, uma correlação de Pearson e obtiveram-se os seguintes resultados: na tabela 1, observou-se um padrão de correlação entre as funções psicossociais dos valores e as condutas anti-sociais e delitivas nas três amostras; os jovens que pontuaram mais alto na função psicossocial de experimentação o fizeram nos indicadores de condutas anti-sociais e delitivas e na CAD (pontuação total das condutas desviantes). Por outro lado, observou-se, com escores correlacionais negativos, relações entre as funções

psicossociais normativa, suprapessoal e interacional com a conduta anti-social e delitiva.

Tabela 1. Correlações entre valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas.

<u>Funções Psicossociais</u> <u>dos valores humanos</u>	TIPO DE CONDUCTA								
	Anti-Sociais			Delitivas			CAD		
	N1	N2	N3	N1	N2	N3	N1	N2	N3
Experimentação	0,25*	0,23*	0,25*	0,21*	0,16*	0,15*	0,26*	0,22*	0,23*
Realização	0,09*	0,08	0,07	0,04	0,01	0,02	0,08*	0,05	0,03
Existência	-0,05	-0,02	-0,03	-0,08	-0,09	0,08	-0,07*	-0,05	-0,06
Supra-Pessoais	-0,19*	-0,19*	-0,20*	-0,21*	-0,19*	-0,17*	-0,22*	-0,21*	-0,22*
Interacionais	-0,13*	-0,15*	-0,17*	-0,13*	-0,13*	-0,15*	-0,14*	-0,14*	-0,19*
Normativos	-0,22*	-0,23*	-0,22*	-0,16*	-0,20*	-0,19*	-0,22*	-0,24*	-0,20*

Notas: * $p < 0,001$ (teste unilateral; eliminação pairwise de casos em branco); **CAD** = pontuação total das condutas anti-sociais e delitivas. As correlações em negrito correspondem às teoricamente esperadas; Amostras N1 = 340 jovens; N2 = 456 jovens e N3 = 565 jovens.

Considerando a relação entre os critérios de orientação valorativa e as condutas desviantes, na tabela 2 é possível observar os seguintes resultados: em todas as três amostras os jovens que apresentaram maiores pontuações nos valores pessoais o fizeram nas medidas de condutas anti-sociais e delitivas, bem como em relação ao somatório total do conjunto dos itens (CAD – destacados como condutas desviantes; contrário a estes resultados, nas três amostras, os jovens que apresentaram maior pontuação nos valores sociais apresentaram menos indícios de condutas anti-sociais e delitivas e no CAD; todas as relações foram significativas a um $p < 0,01$. Desta maneira, como pode ser comprovada na tabela abaixo que tanto pelos seus resultados destacados, quanto em comparação com os estudos preliminares desenvolvido por Formiga (2002) e Formiga e Gouveia (2003), corroborou-se o objetivo principal: a relação entre valores humanos e conduta desviante.

Tabela 2. Correlações entre valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas.

Critérios das	TIPO DE CONDUTA								
	Anti-Sociais			Delitivas			CAD		
	Orientation								
Valorativas	N1	N2	N3	N1	N2	N3	N1	N2	N3
Pessoal	0,20*	0,21*	0,20*	0,15*	0,17*	0,15*	0,20*	0,22*	0,20*
Central	-0,16*	-0,15*	-0,15	-0,20*	-0,18*	-0,16*	-0,19*	-0,20*	-0,19*
Social	-0,22*	-0,20*	-0,22*	-0,18*	-0,21*	-0,20*	-0,23*	-0,22*	-0,19*

Notas: * $p < 0,001$ (teste unilateral; eliminação pairwise de casos em branco); **CAD** = pontuação total das condutas anti-sociais e delitivas. As correlações em negrito correspondem às teoricamente esperadas; Amostras N1 = 340 jovens; N2 = 456 jovens e N3 = 565 jovens

Partindo dos resultados no presente estudo, há um padrão de correlação entre as funções psicossociais e os critérios valores, dos valores em relação às condutas anti-sociais e delitivas. Assim, de acordo com o que se previa, para as três amostras, com base no estudo pioneiro de Formiga e Gouveia (2005), os jovens que pontuaram mais alto em um conjunto de valores que caracterizam uma prioridade individualistas (por exemplo, na função psicossocial valorativa de experimentação e o critério valorativo pessoal) apresentaram relações diretas e significativas as condutas anti-sociais e delitivas e na CAD. Por outro lado, escores correlacionais negativos foram observados para aquele grupos de valores que se caracterizam como priorizando o coletivo e o grupo social (por exemplo, a função psicossocial normativa, suprapessoal e interacional e o critério valorativo social) em relação às condutas anti-social e delitiva e CAD.

Assim, pretendeu-se refletir, teoricamente, em como os valores poderiam atuar como fatores preventivos das condutas anti-sociais e delitivas, não somente buscando corroborar o estudo de Formiga e Gouveia (2005), mas também, defender que este construto mantém as correlações entre variáveis em diferentes amostras, condição essa encontrada. Porém, destaca-se aqui que não se está apontando em direção de um discurso moralista quanto às condutas e os valores que os jovens venham manifestar a partir de suas orientações normativas, e muito menos, estigmatizá-las, em termos dos jovens delinquentes ou não, como tendo ou não valores.

A intenção desse estudo foi oferecer um referencial que permita uma intervenção nos valores humanos de modo a inibir as condutas anti-sociais e delitivas entre os jovens da população geral. Afinal todos nós temos valores, mas, parece ser que o problema não está na falta de valores e sim nas prioridades valorativas que cada um venha a fazer, já que este construto tem grande influência na conduta social. Ao observar a tabela 2, os jovens que priorizaram valores capazes de orientá-los para relações contratuais enfatizando uma dimensão intrapessoal, possivelmente, poderão apresentar mais condutas desviantes do que aqueles jovens que se preocupam com o coletivo e que procuram manter a harmonia do grupo de pertença, focando assim, uma dimensão interpessoal.

Os resultados aqui apresentados evidenciam uma tendência ao individualismo, o qual não é algo de hoje, mas, desde tempos antigos (ver DUMONT, 1985); porém atualmente tem-se enfatizado a valoração de que cada sujeito priorize valores exclusivos ao seu interesse individual, potencializando condutas que desviam – em menor ou maior grau – das normas socialmente aceitas (BAUMAN, 2007; LIPOVETSKY, 1986). No discurso das relações interpessoais e até na mídia em geral, fomenta-se as orientações valorativas nas quais as pessoas devem ser muito felizes pessoalmente, ao invés do respeito aos outros e cumprimentos das normas sociais, nas quais também poderiam ser felizes.

Esse fato, em relação ao atual excessivo individualismo entre as pessoas, vem dissolver a importância dos modelos normativos, principalmente quando estes são úteis para explicação e predição das condutas sociais, especificamente, a desviante (COELHO JUNIOR, 2001; FORMIGA; GOUVEIA, 2005; PETRAITIS; FLAY; MILLER, 1995). Divulga-se intensamente, a não adesão às normas sociais e aos valores morais, justificados como ultrapassados, condição essa que desata o *cinturão* protetor na dinâmica juventude-sociedade em relação à família, escola e pares de iguais como formadores de reflexão e comportamento socialmente desejável. Mesmo assumindo que os jovens teriam uma tendência 'natural' a desviar-se dos padrões convencionais da sociedade, fato esse não incoerente na literatura encontrada no país sobre adolescência (ver ABERASTURY, 1981; CALLIGARIS, 2000; CAMPOS, 1981; HURLOCK, 1979; PFROMM, 1968; STEINBERG, 1999), socializá-los em valores que primam pela dimensão normativa

ou social não seria prejudicial, nem para eles nem para a sociedade. Isso é algo muito importante de estes jovens ampliarem e aplicarem no decorrer de seu desenvolvimento até a adultez nos mais variados campos sociais, profissionais e interpessoais (GONZÁLEZ-ANELO, 2000; GULLONE; MOORE, 2000).

Tendo alcançado o objetivo desse trabalho - conhecer um padrão de correlação entre os valores humanos e as condutas anti-sociais e delitivas em diferentes amostras - é necessário destacar que os outros estudos sobre este fenômeno é também importante, porém, os que abordam os valores têm recebido atenção particular, principalmente, quando se trata das condutas anti-sociais, uma vez que os valores são percebidos como crenças que regulam o pensamento e a ação, sendo com isso, um construto útil para programas de intervenção psicossocial em jovens (ROKEACH, 1973). Considerando estudo de Formiga e Gouveia (2005), as mesmas hipóteses elaboradas por esses autores foram confirmadas e no presente estudo com diferentes amostras; essa condição atesta a importância dos valores na explicação das condutas desviantes em jovens.

Por fim, refletem-se semelhantes conclusões desenvolvidas por esses autores; neste contexto, parece evidente que as condutas desviantes são um reflexo da debilidade dos limites convencionais; especificamente, devido à falta de comprometimento com a sociedade convencional, seus valores, suas instituições e forças socializadoras (por exemplo, Família, Escola, Religião, Poderes políticos, etc.) e a fraca e dissolvida adesão aos papéis sociais convencionais nos quais incluem-se os professores, os membros da família, políticos, etc. Sendo assim, quando os jovens não se sentem envolvidos ou comprometidos com ou mesmo alienados da sociedade convencional, não serão capazes de internalizar os valores ou padrões convencionais e se comportar segundo as normas sociais vigentes. Contrariamente, quando estes assumem a importância dos papéis convencionais, são encorajados a apresentar comportamentos convencionais e a se oporem a condutas desviantes.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ALBUQUERQUE, F. J. B. et al. Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. **PSICO**, v.2, n.37, p.131-137, 2006.

BAUMAN, Z. **La sociedad individualizada**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1981.

COELHO JUNIOR, L. L. **Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio**: suas correlações com as prioridades axiológicas. 2001. 157 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Departamento de Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ESPINOSA, P. **Razonamiento moral y conducta social en el menor**. 2000. 548 f. Tese (Doutorado) - Universidade de la Coruña, España, 2000.

FEATHER, N. T. Values, valences, expectations, and actions. **Journal of Social Issues**, n.48, p.109-124. 1992.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V. Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 2, n. 7, p.134-170. 2005.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V. Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. **PSICO**, v.2, n.34, p.367-388. 2003.

FORMIGA, N. S. **Condutas Anti-sociais e Delitivas**: uma Explicação em Termos dos Valores Humanos. 2002, 210 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

FORMIGA, N. S., QUEIROGA, F.; GOUVEIA, V.V. Indicadores de bom estudante: sua explicação a partir dos valores humanos. **Aletheia**, n.13, p.63-73. 2001.

GONZÁLEZ-ANELO, J. La difícil identidad de la juventud. **Sociedad y Utopia**, n.15, p.84-92. 2000.

GOUVEIA, V. V. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. **Estudos de Psicologia**, v.3, n.8, p.431-443. 2003.

GOUVEIA, V. V. et al. Estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. **Estudos de Psicologia**, n.6, p.133-145. 2001.

GOUVEIA, V. V. **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo**: una comparación intra e Intercultural. 1998. 380 f. Tese (Doutorado) - Facultad de Psicología, Universidad Complutense de Madrid, España, 1998.

GULLONE, E.; MOORE, S. Adolescent risk-taking and the five-factor model of personality. **Journal of Adolescent**, n.26, p.393-407. 2000.

GUSMÃO, E. E. S. et al. Interdependência social e orientações valorativas em adolescentes. **PSICO**, n.32, p.23-37. 2001.

HOMER, P. M.; KAHLE, L. R. A structural equation test of the value-attitude-behavior hierarchy. **Journal Personality and Social Psychology**, n.54, p.638-646. 1998.

HURLOCK, E. B. **Desenvolvimento do adolescente**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

LIPOVETSKY, G. **La era del vacío**: ensayos sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1986.

MAIA, L. **Prioridades valorativas e desenvolvimento moral**: considerações acerca de uma teoria dos valores humanos. 2000. 150 f. Dissertação (Mestrado de Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

MARTINEZ, G. S. Problemática psicossocial de los valores humanos. **Cátedra de Psicología Social y de Personalidad**, n.3, p.9-46. 1984.

MOLINA, A. G-P.; GOMES, L. F. **Criminologia**: introdução aos seus fundamentos teóricos. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.

PETRAITIS, J.; FLAY, B. R.; MILLER, T. Q. Reviewing theories of adolescent substance use: organizing pieces in the puzzle. **Psychological Bulletin**, n.117, p.67-86. 1995.

PFROMM, S. N. **Psicologia do adolescente**. São Paulo: Pioneira, 1968.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: The Free Press, 1973.

ROKEACH, M. Introduction. In: ROKEACH, M. (Ed.). **Understanding human values**: individual and societal. New York: The Free Press. 1979. p.1-11.

ROMERO, E. et al. Values and antisocial behavior among Spanish adolescents. **The Journal of Genetic Psychology**, n.162, p.20-40. 2001.

SANMARTÍN, J. ¿Qué es esa cosa llamada violência? **Suplemento del Boletín Diálogo de Campo**, n.40, p.11-29. 2006.

SCHWARTZ, S. H. Individualism-collectivism: critique and proposed refinements. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, n.21, p.139-157. 1990.

SCHWARTZ, S. H. Universals in the context and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: ZANNA, M. (Ed.). **Advances in experimental social psychology**. Orlando: Academic Press., v. 25, p.1-65, 1992.

SCHWARTZ, S. H. Are there universal aspects in the structure and contents of human values? **Journal of Social Issues**, n.50, p.19-45. 1994.

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 409-425, jan/jun. 2010

SEISDEDOS, N. C. **Cuestionario A – D de conductas antisociais – delictivas**. Madrid: TEA, 1988.

STEINBERG, L. **Adolescence**. 5 ed. Boston: McGraw-Hill College, 1999.

STOFF, D. M.; BREILING, J.; MASER, J. D. **Handbook of antisocial behavior**. Canadá: John Wiley & Sons, 1997.

TAMAYO, A.; SCHWARTZ, S. H. Estrutura motivacional dos valores humanos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n.9, p.329-348. 1993.

TAMAYO, A. Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, n.40, p.91-104, 1988.

TAMAYO, A. et al. Prioridades axiológicas y consumo de drogas. **Acta Psiquiátrica y Psicológica de la America Latina**, n.4, p.300-307, 1995.

TAYLOR, E. N. La violencia. **Cuadernos de Medicina Forense**, v.2, n.3, p.73 -82. 2004.

Artigo: Recebido em: 02/12/2009 Aceito em: 24/04/2010
